

**FILOSOFIA E JUDAÍSMO**

Ulpiano Vázquez  
Fac. Teologia CES — SJ (BH)

**N**ão é raro que o passado da civilização ocidental e os seus espaços originais sejam para a imaginação média atual tão anacrônicos e imprecisos quanto para os cartógrafos antigos e seus mapas de navegação o foram as terras ignotas e os mares tenebrosos onde hoje se desenvolve a nossa cultura.

É assim que para nós mesmos nosso próprio passado parece ficar encoberto pela mesma névoa que o envolveu quando ele era apenas o futuro dos nossos antepassados. Névoa onde só os mitos falam; névoa onde uma retrospectiva arbitrariamente seletiva corre o risco de tornar nossos antepassados antípodas tão casuais e aleatórios quanto poderão sê-lo os nossos descendentes; névoa onde, no entanto, confusamente, o que aparecia como casual emerge na miragem com a determinação do causal.

Assim, para uns, Atenas emerge, na viagem de volta ao que não é mais conhecido, como a cidade mãe ou como a pátria da civilização que, saindo dela e falando a sua língua — mesmo quando o grego se tornou língua morta —, só pode dizer o sentido na sintaxe que sozinha a Grécia soube articular e compor, só pode dizer o sentido na filosofia que foi e será sempre escrita em grego.

Mas, para outros, na viagem de volta aos antepassados cujo futuro somos, emerge também outra cidade que, mais afastada na toponímia ocidental, reclama o quinhão da sua herança, ou nos reclama como a seus herdeiros. Jerusalém.

Atenas e Jerusalém, emblemáticas, continuam disputando a origem da nossa identidade, como sempre a disputaram a partir do momento em que a menos ocidental de ambas as cidades se prevaleceu da sua origem

mais antiga e só esteve disposta a reconhecer a “sabedoria das nações” como uma sabedoria “roubada”. As idéias teriam sido, como as Sabinas pelos romanos, raptadas pelos filósofos gregos no exato momento em que Moisés as recebia reveladas pelo próprio Deus? Foi somente assim que, unificadas pela única origem, a sabedoria das nações pagãs e a sabedoria revelada — ambas considerando-se reciprocamente bárbaras — encontraram finalmente uma entente nos conflitos que, como tudo o que é original, se refletirão na história que se desenvolveu a partir dessa origem híbrida. Híbrida, mas já suficiente para que os eventos da criação e da revelação divina narrados pelas Escrituras hebraicas penetrassem na trama do discurso filosófico.

Atenas ou Jerusalém? Somos gregos ou judeus? Paulo de Tarso, o primeiro escritor cristão, escrevendo em grego aos cristãos de Roma, afirmava que “não há diferença entre judeu e grego” (Rm 10,12), não podia, ao mesmo tempo, deixar de constatar que o grego, “pagão”, era um “enxerto” a quem era necessário advertir: “Não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz que te sustenta” (Rm 12,18). Advertência que não teria sentido se a diferença que ele afirma não mais existir não fosse ainda, de fato — ou na história — uma real diferença em que se manifesta a existência separada do judeu e do grego. Diferença e separação reais, mas negadas pela afirmação de uma paz unificante na esperança. O que já será suficiente para que o evento da redenção, como anteriormente os da criação e da revelação, possa também inscrever-se na trama do texto filosófico.

Atenas ou Jerusalém? O que vemos na história não é o fim que Paulo, por causa da sua fé em Jesus Cristo, proclama como já acontecida. O que na história vimos foi a emergência de uma terceira cidade que não é mais nem Atenas nem Jerusalém, mas Alexandria. Foi em Alexandria, e no início da era cristã que, como G. Reale demonstra na sua monumental História da Filosofia Antiga, o filósofo judeu Filo “inaugura aquela aliança entre fé bíblica e razão filosófica helênica, que estava destinada a ter tão grande fortuna com a difusão do verbo cristão, e da qual deveriam surgir as categorias do pensamento dos séculos sucessivos. Com Filo, em suma, como foi justamente assinalado, se inicia, em certo sentido, a história da filosofia cristã, e portanto ‘européia’”.<sup>1</sup>

Filósofo judeu, e não simplesmente judeu filósofo, a figura de Filo de Alexandria não será na cultura ocidental e na sua filosofia uma personagem que teve o mérito de ser o primeiro e o último. Não resta dúvida de que ele foi o primeiro a inaugurar a aliança entre a fé bíblica e a razão filosófica grega. Pode-se e deve-se no entanto duvidar de que esta aliança se esgotasse simplesmente na “difusão do verbo cristão”, ou com outras palavras, que a herança da aliança que Filo realizou por primeiro não tivesse continuado ao longo do périplo da civilização ocidental como uma aliança entre a razão filosófica grega e a fé bíblica que

1. Cf. Reale, G., *Storia della filosofia antica*, vol. IV: “Le scuole dell’età imperiale”, Vita e Pensiero, Milão, 1992, 9ª ed., p. 250.

*o cristianismo denomina veterotestamentária. Se, como Reale escrevia: "Filo iniciou em certo sentido a história da filosofia cristã e portanto 'européia'", não é menos certo que, antes, iniciou a história da filosofia judia, ou como o próprio Reale escreve, "mosaica".*

*É por isso que Alexandria, equidistante de Atenas e Jerusalém, que continuarão tendo na história e na cultura uma existência separada, deve ser considerada também como uma cidade emblemática e como uma matriz do nosso universo mental. Emblemática porque nela se uniram as duas tradições originárias. Emblemática também porque a forma como nela se uniram ambas as tradições bifurcou-se em filosofia judia e em filosofia cristã. Ignorar a primeira, ou fazer dela uma simples passagem para a segunda, não só significaria miopia cultural e historiográfica. Significaria sobretudo a negação de um dos pólos que sustentam nossa civilização, não apenas na narração dos elementos que compõem a sua história, como sobretudo na compreensão da dialética que produz a sua historicidade concreta.*

*É isso que, na sombra de Hegel e Kierkegaard, a meditação de G. Fessard tentou mostrar quando, à dialética do senhor e do escravo, acrescentara a dialética do judeu e do pagão como a categoria mais abrangente da hermenêutica do devir histórico e do seu fim meta-histórico.*

*Na geografia simbólica da nossa cultura, surgirão outras cidades onde, como em Alexandria, desabrochará um pensamento que ao mesmo tempo foi filosófico e judeu, ou como Levinas diria a propósito de F. Rosenzweig, um pensamento elaborado não apenas por judeus filósofos, mas por filósofos judeus.*

*Ouvir essa filosofia, precisamente naquilo que ela possui de mais estranho ou de menos grego, naquilo em que ela é mais "outra", significará perceber o que há de mais atual num passado que a filosofia ocidental sempre teve a tentação de considerar definitivamente assimilado, definitivamente caduco, ou definitivamente morto.*

*Essa alteridade em relação à filosofia ocidental é que nos lembra, pela sua exterioridade mesma e pelo limite em que ela se situa, da fonte inesgotada que em Alexandria, pela primeira vez, fez brotar uma sabedoria que na língua e na sintaxe gregas disse a palavra da revelação bíblica.*

Endereço do autor:

Av. Cristiano Guimarães, 2127

31720-300 — Belo Horizonte — MG